

Uma trajetória ficcional exemplar

Professora Doutora Giselle Larizzatti Agazzi¹ (UNIBR)

Resumo:

O texto pretende abordar como a literatura veiculou um tipo de projeto literário, engendrado a partir das relações entre literatura e história e que desenha um arco entre a utopia e a melancolia, a partir de dois romances centrais da obra do escritor italiano Vasco Pratolini, *O Bairro*, publicado em 1945, e *Alegoria e desilusão*, publicado em 1966.

Palavras-chave:

Literatura e história, ética e estética, Vasco Pratolini, melancolia e utopia.

“Intelectual não tem direito de se eximir” é o que diz Antonio Callado (CUNHA, 1977), quando perguntado sobre a função dos escritores em períodos de crise e conflito mundial. Sendo este o estado natural da condição do ser humano, viver em conflito querendo anular a diferença muitas vezes de modo violento, o intelectual deveria estar atento e ativo ao e dentro do processo histórico.

Há, aqui, como se pode perceber, a reivindicação das heranças teóricas formuladas por autores como Antônio Gramsci (GRAMSCI, 1968), que define o caráter “funcional” dos intelectuais de esquerda, ao entendê-los como um meio, um instrumento de comunicação entre as classes sociais e de transformação da realidade.

Gramsci fala do cárcere ao mundo, aos italianos e a este nosso escritor, Vasco Pratolini.

Nascido em Florença em 1913, filho de operários, Vasco Pratolini se torna órfão ainda criança e vai morar com a avó até ter idade suficiente para trabalhar como auxiliar de tipógrafo. Torna-se autodidata, lê e estuda os clássicos para aprender o fazer literário. Nos anos de 1940, participa do periódico “Campo di Marte”, o que lhe possibilita conviver com figuras importantes para a sua formação como Alfonso Gatto e Elio Vittorini, ao qual Pratolini atribui influência não apenas sobre suas escolhas literárias, mas também sobre suas idéias políticas.

O escritor auto-didata tem o que aqui se chamou de “trajetória exemplar”; o percurso que ele desenvolve não é inédito, muitos foram os que como ele migraram da utopia à melancolia, do “engajamento político” ao ceticismo. Sua biografia não interessaria ao mundo das letras não fosse pelo principal: as obras de Vasco Pratolini acompanham essa sua trajetória exemplar.

Com ele, seus textos se transformam esteticamente, até que o seu último romance é um objeto de, para usar as palavras de Lukács – e sem dúvida em contexto deslocado – uma inflexível negação dos seus primeiros projetos literários.

Para falar desta trajetória, o recorte se dará em torno de dois de seus romances, *O Bairro* (1945) e *Alegoria e desilusão* (1966). Essa seleção se dá pela relação especular que os dois romances mantêm e por manterem um intenso diálogo, marcado, inclusive, por *Alegoria e desilusão* ser a última publicação do autor.

Em ambos os romances o protagonista recebe o mesmo nome, Valerio. E mantêm a mesma atividade, são escritores. As proximidades e as aproximações são, como se vê, óbvias. E apesar delas, não poderiam trair mais o leitor na sua procura de ver no segundo Valerio a continuação das tendências do primeiro Valerio.

O Bairro conta a história de um grupo de adolescentes que descobrem a vida juntos, vivendo as paixões juvenis, as aventuras e os segredos do fim da infância e início da vida adulta. Texto de fácil leitura, é difícil não se entregar aos conflitos tecidos na obra, de soluções simples e com aquela fluidez narrativa que nos pega pela mão e nos faz passear pelas memórias idílicas de um protagonista encantado com sua própria formação. Esse nosso Valerio recompõe o passado, dividindo os amigos de modo bastante ingênuo entre os bons e os maus moços. Gino, modelo admirado por todo o grupo, é o comunista que abre as fissuras nesse mundo dourado, em que o tempo corre linear, vagaroso, obedecendo os nexos casuais que a sintaxe literária preserva. Gino aponta as limitações de olhar dos colegas e é admirado por sua coragem. A narrativa se dá, pois, em torno de um conflitos bem estabelecidos.

O que se tem nesta narrativa mais próxima ao romance realista – é *Metello*, entretanto, que adquirirá o estatuto de romance da aprendizagem – é um herói que aprende com a experiência. Os amigos são tipos que conversam, que se relacionam,

sentam e dialogam. Vivem a possibilidade de comunicação entre as pessoas que habitam espaços comuns, esses vistos como acolhedores – ainda se empobrecidos.

Circunscritos ao bairro, o grupo de amigos não tem vontade de ultrapassar os limites territoriais e colher outras paisagens. Entretanto –e se não houvesse o “mas” nada aconteceria – a Guerra os dispersa pelos mais variados motivos. Valerio é obrigado a servir na guerra e quase num susto descobre o mundo e “um mundo” dentro do bairro que deve abandonar. A distância o faz conhecedor do lugar. As mudanças chegam a Valerio seja pela sua partida seja pelas cartas que recebe do pai e dos amigos que contam sobre a destruição de algumas casas para a construção da rede de esgotos, para a modernização do bairro. Ao retornar, Valerio percorre o bairro, conscientizando-se sobre o espaço, sobre si mesmo e seu papel na história.

Com *Alegoria e desilusão*, de 1966, Pratolini radicaliza a experiência literária. Esse que foi seu último romance se constrói a partir do fluxo de pensamentos e emoções do protagonista Valerio. Ele conta sua história e angústias desde a infância, tendo como mote fundamental o suicídio da mãe, ao qual retorna inúmeras vezes ao longo da narrativa.

Alegoria e desilusão é uma espécie de diário que parte de 1935 e chega a 1945 (a última página, que data de 2 de julho de 1966, é um breve comentário do diarista sobre como o estado de angústia e de perdas permaneceu e se aprofundou sem nada mudar substancialmente ao longo de sua história).

Entre amores fracassados e elucubrações sobre o passado, *Alegoria e desilusão* persegue as reflexões de Valerio sobre sua vida, lida, na economia da obra, como a de toda uma geração. Remoendo seu passado, o personagem avalia a atuação dos seus contemporâneos e a história da Itália. Em lugar da figura ativa e exemplar do outro Valerio, surge o anti-herói moderno, muito pouco adaptado a viver em comunidade e a compartilhar experiências e história; em lugar da perspectiva utópica do primeiro romance, emergem os traumas históricos e a crise da identidade pessoal e coletiva. Ao fim do romance, vinte anos depois do término da Segunda Grande Guerra, Valerio revê a sua história e a da Itália, juntando as perdas que se acumularam no presente

Seguindo as negativas, *Alegoria e desilusão* retoma importantes temas da obra de Pratolini, ao apontar para um tipo de literatura que não pode existir em um mundo

fragmentário, em que a comunicação entre as pessoas não se efetiva e menos ainda entre o texto e o leitor.

O movimento não é mais como uma “sinfonia” de vozes de diversos *eus*, mas um monólogo interior que se prende aos traumas do passado como o suicídio da sua mãe, a traição da sua amante, suposta informante do governo italiano, a perda dos amigos. Nesse sentido, como afirma o crítico Bakhtin, o herói determina a própria estrutura narrativa, que traz um tempo suspenso - parado sobre si mesmo, porque os conflitos são retomados *ad infinitum* – e um espaço que não se transforma. Repetidamente, o romance retoma temas, situações, estruturas, frases, como se lê na recorrência das perguntas cruciais feitas pelo herói: “Chi sono, da dove vengo, che ragione ha la mia presenza sulla terra e nell’imensa storia degli uomini come si colloca la mia storia?” (PRATOLINI, p. 45).

Esses questionamentos, espécie de síntese de toda a narrativa, por apresentar a motivação que leva Valerio a contar a sua história, são retomados por todo o livro, marcando uma espécie de refrão que mobiliza o leitor se não a pensar sobre os significados das expressões, ao menos a se incomodar com elas.

No fluxo textual, tem-se o que Bakhtin lê como a questão do ritmo dentro das narrativas, ao colocar a questão do *eu* e do *outro*: “minha vida não tem valor estético em si, assim como minha existência física não tem valor plástico-pictural significante. Não sou o herói de minha própria vida” (1992, p.127).

A vida do *eu* só terá valor se entrar no ritmo do *outro*. Daí, o reconhecimento da existência do *eu* a partir da existência do *outro*, dos costumes que moldam o grupo, da humanidade. Sem esses reconhecimentos não é possível estabelecer um ritmo à vida do *eu*.

Valerio toma a palavra para buscar o *outro*, porque em seu isolamento a pergunta “quem sou” não tem resposta. A ausência do *outro* traz a dificuldade de que o herói compreenda “qual o sentido da sua existência na longa história humana”. Se não há sentido para o *outro*, não há sentido para o *eu*. Seguindo o crítico russo, é desse vazio que emerge o ritmo em mótuo perpétuo de *Alegoria e desilusão*:

O presente vence sempre. Esse é o termo de comparação e guia na busca da verdade. A ação que realizo, o pão que como, a

pessoa que beijo, a ideia que elaboro, a realidade que pelo fato mesmo de existir represento, ocorrem no tempo e na história, são tempo e história. Assim se colocam na história e no tempo seja uma célula orgânica seja todo o gênero humano. (tradução livre de PRATOLINI, p. 45, 1991).

Essa fusão de tempos e de espaços projeta a necessidade de se reinventar os caminhos possíveis para se chegar ao *outro* e, como quer Bakhtin, ao *eu*. O que se lê, ao fim e ao cabo, é a denúncia da perda da capacidade de comunicação entre as pessoas, entre o *outro* e o *eu*. Sem o diálogo não há experiência do outro possível.

Se em um primeiro momento, vale afirmar que é este um livro de tom predominantemente melancólico, depois desse reconhecimento, é preciso aceitar que há também aqui em *Alegoria e desilusão* um resquício último do “impulso utópico” (BLOCH, 2006) registrado no próprio fato de o herói contar a sua história. Sua narrativa é o último esforço para chegar ao *outro* e, a partir dele, construir uma auto-consciência possível e uma ação consciente sobre si mesmo, o mundo, a realidade, a história da humanidade.

Reconstruir os modos de dialogar com o outro é, pois, o que a narrativa propõe neste universo em que reinam, soberanas, como aponta o Valerio de *Alegoria*, o que ele chama de “*le moderne ditature*”, em lugar do que acreditava poder surgir das ruínas da Segunda Guerra o Valerio de *O Bairro*, a partir da organização e luta popular: “Também o ar e o sol são coisas a serem conquistadas por trás das barricadas” (tradução livre, *Il Quartiere*, p.201, 1980).

Para além das qualidades estéticas inerentes à obra do escritor florentino, ela permanecerá sendo sempre uma expressão literária maior dentro da história da literatura universal: autores como Pratolini são necessários às sociedades contemporâneas, ao lembrar os leitores da necessidade de recompor as possibilidades de diálogo e de encontro com o *outro*, ensinando-nos outros caminhos reflexivos e outras maneiras de projetar a vida em sociedade.

Talvez esteja aqui um dos possíveis entendimentos do mote deste **Congresso da Abralic: Centro, Centros: Ética, Estética**, o exercício de reaprender a ler, a reconhecer no texto o *outro*, de suportar a diferença sem querer suplantá-la

violentamente ou sem querer se perder dentro dela. Trata-se, afinal, do reconhecimento de vários centros. Talvez aí esteja a ética de vocação coletiva, única, possibilitada por nossa incessante busca estética. Talvez aí esteja a necessária lembrança de que, para retomar Callado – e Gramsci, o “intelectual não tem o direito de se eximir”.

Referencial bibliográfico:

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo, Martins Fontes, 1992.
- BLOCH, E. *O princípio esperança*. Contraponto, Rio de Janeiro, 2006.
- CUNHA, Paulo e MORAES NETO, Geneton. “Intelectual não tem direito de se eximir” (depoimento de Antonio Callado). *Inéditos*, Belo Horizonte, set/out, 1977.
- GRAMSCI, Antônio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1968.
- PRATOLINI, V. *Il Quartiere*. Milano, Mondadori, 1980.
- _____. *Obras completas*. Milano, Mondadori, 1995.
- _____. *Allegoria e derisione*. Milano, Mondadori, 1991.

iGiselle LARIZZATTI AGAZZI, Professora doutora, Faculdade São Vicente (UNIBR),
giselleagazzi@terra.com.br